

MUDANÇAS NOS SISTEMAS DE EDUCAÇÃO E SEUS IMPACTOS NA AVALIAÇÃO

Edson Martins¹

RESUMO

O Presente artigo pretende analisar, por um lado, o impacto no sistema de avaliação do ensino contemporâneo, sobretudo, a partir do avanço e das mudanças propostas e ensejadas pelas novas tecnológicas e, por outro, confrontá-lo com uma tensão e certa resistência nos padrões tradicionais de gerir a educação no Brasil, principalmente quando a questão é avaliação.

Palavras chave: Avaliação, Educação, Novas Tecnologias, Mudanças, Paradigmas.

ABSTRACT

This present article intends to analyze, by one hand, the impact in the contemporaneous evaluation in the teaching system, overall, from the beginning and the proposed changes wished by the new technologies and, by other hand, face it with a tension and certain resistance in the traditional patterns of managing education in Brazil, mainly when the matter is an issue of evaluation.

Key words: Evaluation, Education, New technologies, Changes, Paradigms.

A constatação de que o mundo em que vivemos está em constante transformação é um fato. Os diversos campos de pesquisa estão a cada dia descobrindo coisas novas e elaborando novas ferramentas para atualizar ou suplantar as existentes, numa corrida desenfreada. Em algumas áreas, como as tecnologias de comunicação, é muito difícil acompanhar em tempo real todas as novidades que aparecem. Se tais transformações atingem todas as áreas, certamente tem alcançado a educação, não é? A resposta a esta pergunta é não e sim.

O não se refere ao fato de que, diferentemente de outras áreas como o comércio, o turismo e lazer e a indústria, a área educacional ainda cultiva um viés bastante conservador. As mudanças na educação sempre sofreram resistências e demoraram um bom tempo para se efetivarem. São várias as razões para que isto aconteça, sendo que a principal delas é o temor, por grande parte dos educadores, de que as mudanças irão prejudicar a sua prática docente, prática que vem sendo executada por muitos anos e considerada satisfatória por eles, embora muitas vezes

¹ Mestre em Educação, Doutor em Ciências da Religião. Professor e Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão e da Comissão Própria de Avaliação das Faculdades OPET.

as avaliações digam o contrário. A grande pergunta que muitos profissionais da educação fazem quando se deparam com propostas de mudanças é: “o quanto eu vou perder com isso?”.

Porém, é preciso deixar claro que a resistência às mudanças, sejam elas quais forem não é privilégio de educadores. É uma reação normal dos seres humanos, que ocorre, na visão de Koenig (1982, p. 349), pela impaciência com as imperfeições iniciais das inovações, pela ignorância e usar as novas teorias ou tecnologias, pelo hábito e costume de se fazer a mesma coisa da mesma maneira por longo tempo, sendo esta realidade mais forte entre os mais idosos, e finalmente, pelos interesses contrariados causados pelas mudanças. A boa notícia no caso da educação a distância é que a resistência às tecnologias é menor que as invenções sociais.

Quanto ao sim, é inegável que se por um lado, há conservadores na área educacional, há também muitos que estão procurando inovar, buscar alternativas para melhorar e ou facilitar a prática docente. São educadores inquietos com as dificuldades que os métodos tradicionais encontram para proporcionar uma educação de qualidade para a grande maioria da população, principalmente no Ensino Superior e vêm na Educação a Distância uma oportunidade de tornar estas metas uma realidade. Porém, para que isto aconteça no Brasil, são necessárias algumas reformas importantes.

Pierre Lévy (1999), escreveu serem duas as reformas necessárias ao sistema educacional. Para ele, é imprescindível que haja uma assimilação dos mecanismos que regem o ensino aberto e a distância por parte da sociedade, o que implica em uma nova visão pedagógica, em que o professor é um indutor ao conhecimento coletivo de seus alunos e não apenas um mero recitador de conteúdos. Esta é a primeira grande reforma proposta por ele. A segunda reforma é permitir que as experiências adquiridas pelas pessoas através das diversas tecnologias existentes hoje e das que ainda vão surgir como um conhecimento válido, chancelando os saberes não-acadêmicos.

Além destas reformas acima propostas, creio que no Brasil é preciso quebrar o paradigma instalado na memória coletiva nacional de que apenas o ensino presencial (com forte fiscalização) possui qualidade e que o ensino a distância é uma fuga para quem não quer estudar “de verdade”.

É difícil identificar com precisão as causas desta visão. Mas é possível apresentar algumas pistas. Uma delas é de caráter histórico, visto que os primeiros e mais visíveis exemplos de educação a distância no Brasil foram os cursos profissionalizantes oferecidos pelo Instituto Universal Brasileiro ou pelo Instituto Monitor, sem muitas exigências de escolaridade formal. Seus cursos eram ofertados majoritariamente para as classes populares usando como ferramenta principal os livros textos enviados pelos Correios. É possível que muita gente pense que o ensino a

distância seja útil em cursos profissionalizantes, cursos livres, mas não em cursos superiores, de caráter acadêmico formal.

Outra possível razão é que ainda não há no Brasil exemplos contínuos de egressos de cursos superiores a distância que quando avaliados juntamente com egressos do ensino presencial, apresentem rendimento igual ou superior a eles. É possível que esta seja uma razão para que o mercado de trabalho ainda demonstre resistência ao ensino a distância. Com a implantação de cursos a distância por parte de grandes universidades (federais, estaduais, regionais e privadas), o que já está ocorrendo, os preconceitos serão diminuídos. Mas é preciso deixar claro que esta é uma tarefa de convencimento de longo prazo. Exemplo recente é a greve e o protesto de alunos e professores da Universidade de São Paulo, contrários à abertura de cursos de graduação a distância pela instituição.

Outro fator que deve ser levado em conta é o problema de supervalorizar a tecnologia em detrimento do pedagógico. Muita gente que trabalha com a EAD fica tão deslumbrada com os fantásticos e fascinantes recursos que as tecnologias da informação colocam à nossa disposição que acabam esquecendo que elas não são um fim em si mesmo, mas sim ferramentas úteis para se atingir objetivos educacionais. Assim, tecnologia e modelos pedagógicos devem andar juntos, de modo a atingirem os alvos educativos propostos.

Um erro muito comum é tentar encaixar o modelo de ensino presencial no ensino a distância. São dois modelos diferentes, com características próprias, que devem ser respeitadas, pois como afirma Behar (2009, p. 24),

Fala-se de um novo domínio na educação, passando de uma relação de um-para-muitos e/ou muitos-para-muitos, com espaço-tempo definidos, e em que predomina a comunicação oral, para uma interação de um-para-muitos, um-para-um e inclusive muitos-para-muitos. Esse novo domínio é baseado em comunicação multimedial, não exigindo a copresença espacial e temporal. Por isso trata-se de um novo patamar em que não se podem adaptar modelos pedagógicos derivados do ensino presencial para a distância.

O fato é que ainda que existam resistências, e isto é normal, o ensino a distância veio para ficar. As novas gerações estarão cada vez mais ancoradas nas inúmeras possibilidades que as tecnologias da informação proporcionam e o próprio mercado de trabalho está caminhando na direção de recrutar funcionários que estejam estudando sempre, atualizando seus conhecimentos. Não basta apenas um diploma que ateste um conhecimento passado. É preciso, como afirma Lévy (1999), que os funcionários do futuro sejam gerenciadores de processos, em que seus

conhecimentos, disponibilizados *on line*, aliados aos de seus colegas, formem memórias dinâmicas, numa *virtualização da relação com o conhecimento*.

Quanto à avaliação, aqueles que trabalham com a Educação a Distância precisam estar cientes que não podem (até por questões operacionais) utilizar os mesmos procedimentos avaliativos usados na educação presencial. De acordo com a professora Maria Odette², na avaliação usada nos cursos a distância devem ser observados os seguintes critérios:

- Coerência interna e externa do texto – os assuntos abordados devem ser consistentes com o que está sendo estudado. Apresentação de pontos de vista diferentes é sempre extremamente bem vinda, desde que baseada em sólida argumentação e tecnicamente fundamentada.
- Correção gramatical (concordância, pontuação, ortografia, inclusive erros de digitação) – uma tarefa é um instrumento oficial de avaliação e, como tal, um documento que ficará arquivado. Por esta razão a sua elaboração deve ser criteriosa. Saber comunicar-se corretamente na sua própria língua é o aspecto mais básico da competência comunicativa.
- Estrutura e dimensionamento do texto – A seqüência lógica de idéias e a capacidade de síntese são, também, aspectos importantes das competências comunicativa e argumentativa, e estão diretamente relacionadas à organização de raciocínio. Logo, a fluência seqüencial e o atendimento ao número de páginas proposto serão considerados como um dos critérios de avaliação.
- Pontualidade/data de entrega – embora uma das premissas da EaD seja que o aluno estude no seu próprio tempo e espaço, este conceito é comumente mal compreendido e abusado. Isto não significa que não existam prazos, e sim que dentro dos prazos existentes o aluno possui uma maior flexibilidade para ajustar o tempo de estudo de acordo com suas necessidades. Não considerar este aspecto como um critério de avaliação seria desmerecer o esforço daqueles que efetivamente respeitam estes prazos.
- Uso adequado da ferramenta de aprendizagem – A EaD é sempre uma forma de ensino-aprendizagem mediada de algum modo. Logo, o domínio das ferramentas de interação é um aspecto de grande importância.
- Participação individual em trabalhos de grupo – Em trabalhos em grupo é atribuída a mesma nota a todos os integrantes do grupo que efetivamente participaram de sua construção. Por esta razão recomendamos que todas as interações e contribuições sejam feitas dentro do AVA (Ambiente Virtual

² Texto disponibilizado aos alunos do Curso de Especialização em Educação a Distância oferecido pelo SENAC.

de Aprendizagem), que permite identificar cada participante. Integrantes do grupo que não contribuíram efetivamente para o trabalho não receberão nota na atividade.

A conclusão a que o autor chega é que seja presencial ou a distância, tudo é educação. Tanto uma modalidade quanto a outra exige dos gestores e dos demais profissionais envolvidos um comprometimento com uma educação de qualidade, respeitando as características de cada uma.

Referências Bibliográficas

- BEHAR, Patrícia Alejandra (Org.). *Modelos pedagógicos em Educação a Distância*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- KOENIG, Samuel. *Elementos de Sociologia*. 6^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LÉVY, Pierre. As mutações da educação e a economia do saber. In: *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 169-176.
- LÉVY, Pierre. A nova relação com o saber. In: *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 157-167.